



**A ESCRITA DE SI COMO NARRATIVA DA DISFUNÇÃO: Stuart Hall,**

**Frantz Fanon e C. L. R. James**

**THE WRITING OF THE SELF AS THE NARRATIVE OF DYSFUNCTION:**

**Stuart Hall, Frantz Fanon and C. L. R. James**

**LA ESCRITA DE SÍ COMO NARRATIVA DE LA DISFUNCIÓN: Stuart**

**Hall, Frantz Fanon y C. L. R.**

**Dionísio da Silva Pimenta<sup>1</sup> & Erik Wellington**

**Barbosa Borda<sup>2</sup>**

**Resumo:** Este texto discute as maneiras como três intelectuais caribenhos, Frantz Fanon, C. L. R. James e Stuart Hall, fizeram uso da estratégia da escrita de si, os motivos que levaram os autores a tanto, e a relação desse uso com aspectos mais gerais de suas produções. Por meio da análise de um episódio autobiográfico de cada autor, argumenta-se que o fundamento desse uso repousa no confronto direto com as disfunções geradas pelo sistema colonial. Por fim, conclui-se que a forma como tais elementos biográficos foram mobilizados é indicativa uma outra maneira de se construir um pensamento que fornece possibilidades que tensionam um imaginário sociológico canônico.

**Palavras-chave:** Stuart Hall; Frantz Fanon; C. L. R. James

**Abstract:** This text debates about the ways three Caribbean intellectuals, Frantz Fanon, C. L. R. James and Stuart Hall used the strategy of writing the self, the reasons that made them do it, and the relation of this use with more general aspects of their productions. Taking into account the

---

<sup>1</sup> Dionísio da Silva Pimenta é Doutor em Sociologia Pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. [toescrevendoprodionisio@gmail.com](mailto:toescrevendoprodionisio@gmail.com).

<sup>2</sup> Erik Wellington Barbosa Borda é Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Campinas. [ewbborda@gmail.com](mailto:ewbborda@gmail.com).

analysis of an autobiographical episode of each author, one argues that the principle of this use lies in the direct confrontation with the dysfunctions generated by the colonial system. Finally, it is concluded that the ways in which such biographical elements were mobilized show another manner of constructing a thought that provides possibilities that stretch a canonical sociological thought.

**Keywords:** Stuart Hall; Frantz Fanon; C. L. R. James

**Resumen:** En este texto se debaten las maneras en que tres intelectuales caribeños, Frantz Fanon, C. L. R. James y Stuart Hall, hicieron uso de la estrategia de la escrita de sí, las razones que llevaron a los autores a hacerlo y la relación de este uso con aspectos más generales de sus producciones. A través del análisis de un episodio autobiográfico de cada autor, se argumenta que la base de este uso radica en el enfrentamiento directo con las disfunciones generadas por el sistema colonial. Al final, se concluye que la forma en la que se movilizaron dichos elementos biográficos es indicativa de otra manera de construir un pensamiento que ofrece posibilidades que tensionan un imaginario sociológico canónico.

**Palavras-clave:** Stuart Hall; Frantz Fanon; C. L. R. James

## INTRODUÇÃO

26

Nas últimas décadas do século XX, a Teoria Social se viu convidada a refletir sobre seus limites de uma nova maneira. Isso não porque discursos críticos ao seu projeto surgiram nesse momento<sup>3</sup>, mas porque o lugar desses discursos foi substancialmente alterado, coincidindo com transformações simultâneas no mundo social: as lutas feministas, gays, de direitos civis, anticoloniais e, particularmente no caso que nos interessa neste texto, as imigrações das antigas colônias às metrópoles, o movimento que Stuart Hall (2005) chamou em uma entrevista de o momento pós-colonial por excelência, a explosão da diferença que estava nas margens para dentro do centro.

De uma maneira geral, esse convite foi feito por meio da exploração daquilo que não se encaixava, das *disfunções*. Em tal exercício, as narrativas de si tiveram um papel central para os sujeitos subalternos, e no caso caribenho foram marcos,

---

<sup>3</sup> A crítica aos fundamentos intelectuais da opressão esteve presente desde o início da expansão colonial europeia. Pode-se citar aqui como exemplo as obras de Guaman Poma de Ayala, Ottobah Cugoano, Olaudah Equiano, entre outros.

por vezes pontos de partida, de reflexões que atacaram o núcleo da autoconsciência ocidental. Neste texto, discutiremos de que maneira três intelectuais caribenhos, Frantz Fanon, C. L. R. James e Stuart Hall, fizeram uso da estratégia da escrita de si, os motivos que levaram os autores a tanto, e a relação desse uso com aspectos mais gerais de suas produções. Argumentamos que o fundamento desse uso repousa no confronto direto com as disfunções geradas pelo sistema colonial. Stuart Hall destaca ser assim sua compreensão da produtividade do conceito de diáspora, que

pode certamente ser usado para exatamente o fim oposto: não para confrontar, mas para disfarçar, evitar ou reprimir tais tipos de dinâmicas emocionais internas e os traumas resultantes envolvidos. O grande valor do pensamento diaspórico, tal como eu o concebo, é que longe de abolir tudo que se recusa a encaixar ordenadamente em uma narrativa – os deslocamentos –, coloca as disfunções em primeiro plano. (HALL, 2017, p. 171. Tradução livre)

A estratégia da escrita de si adotada por esses autores, portanto, é uma na qual a inserção do “eu” serve como modalidade de engajamento com tais disfunções. No caso de intelectuais como Stuart Hall, Frantz Fanon, C. L. R. James, e muitos outros autores associados ao pós-colonialismo, em particular do Caribe, eram suas próprias trajetórias que não se encaixavam, e é nesse sentido que se deve **27** compreender o lugar que o elemento autobiográfico ocupou nas reflexões teóricas, como estratégia que visava a dar conta de deslocamentos que eram ao mesmo tempo pessoais e teóricos. A seguir, passaremos para a uma breve análise da estratégia da escrita de si nos três autores citados. Essa análise será baseada em um episódio autobiográfico específico de cada um, que permitirá ser relacionado a um panorama geral de suas contribuições intelectuais. É digno de nota que nosso interesse aqui é pelos usos da escrita de si como recurso teórico para a produção de uma inteligibilidade sociológica, menos do que a prática da autobiografia enquanto gênero literário, que por sua vez é não só existente no Caribe como uma marca da produção intelectual e literária da região. Entretanto, a discussão sobre esse foge ao escopo deste trabalho<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> A centralidade do gênero autobiográfico para autores caribenhos já foi abordada antes com diferentes ênfases. Aqui vale mencionar a tese de Margaret Kent Bass, que no final dos anos 1980, interessou-se pela relação entre autobiografia e literatura caribenha. A autora defende que o que poderia ser frequentemente visto como “romance autobiográfico” no caso caribenho seria, na verdade, um modelo distinto de autobiografia gerado pelas condições e contradições às quais estão

## UM ESTRANHO FAMILIAR: Stuart Hall e as estruturas em que vivemos

Stuart Hall (1932-2014) foi um importante intelectual jamaicano que passou a maior parte de sua vida na Inglaterra. Nesse país, tornou-se um dos principais nomes da New Left<sup>5</sup>, dos Estudos Culturais<sup>6</sup>, e da diáspora caribenha que explodiu na Grã-Bretanha do pós-guerra. De fato, a mudança de Hall para a Inglaterra para estudar em Oxford em 1951 coincide com esse momento incerto que reconectou metrópole e suas colônias do outro lado do Atlântico em meados do século XX, quando a experiência histórica da colonização bateu à porta do decadente Império Britânico<sup>7</sup>. Mas a experiência histórica é também experiência

---

sujeitos os povos da região. No processo, Bass argumenta que além de criar “*novos tipos de ficção, os escritores indianos ocidentais estão também criando novos tipos de autobiografia*” (BASS, 1989. p. 9. Tradução livre). Um panorama recente sobre o gênero da autobiografia na região pode ser encontrado em *Caribbean Autobiography: Cultural Identity and Self-Representation*, de Sandra Pouchet Paquet (2002).

<sup>5</sup> “A Nova Esquerda britânica foi um grupo heterogêneo de ex-comunistas, apoiadores insatisfeitos do partido trabalhista, e de estudantes socialistas esperançosos em renovar a teoria e prática socialistas. Eles se juntaram em resposta às crises de Suez e da Hungria em 1956, e se consolidaram em um compromisso partilhado com a Campanha pelo Desarmamento Nuclear (CND) do final dos anos 50 e início dos 60. Ativistas da Nova Esquerda tentaram criar uma política socialista democrática enraizada nas tradições inglesas, mas não atoladas nas ortodoxias do passado, uma política que reconhecia as mudanças econômicas e culturais do pós-guerra. Eles nunca foram bem sucedidos na criação de uma organização permanente, mas eles criaram um novo espaço político na esquerda, e seu projeto foi crítico para o desenvolvimento de uma historiografia radical e dos estudos culturais na Grã-Bretanha.” (DWORKIN, 1997. p. 45. Tradução livre)

<sup>6</sup> Os Estudos Culturais foram uma importante tradição teórica que emergiu na Inglaterra do pós-guerra na busca de novas formas de se entender a cultura. Nesse projeto, a instituição mais importante foi o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, que em seus quase 40 anos de existência no interior da Universidade de Birmingham, destacou-se por um estilo particular de trabalho intelectual assentado no coletivismo da produção e da gestão, cujos resultados marcaram de maneira profunda a paisagem intelectual mundial da segunda metade do século passado. Stuart Hall esteve na direção do Centro durante aquela que é considerada sua fase mais produtiva (PROCTER, 2004. p. 36), de 1968 a 1979.

<sup>7</sup> “Em outubro de 1948, o *Orbita* trouxe 180 [trabalhadores das índias ocidentais] para Liverpool, e três meses depois, 39 jamaicanos, sendo 15 mulheres, chegaram a Liverpool no *Reina del*

subjetiva, e é nesses termos que Hall se sente como “o último colonial”: “*meu primeiro senso do mundo derivou de minha localização enquanto sujeito colonizado, e muito de minha vida pode ser entendida como um desaprendizado das normas com as quais nasci e cresci.*” (HALL, 2017. p. 3. Tradução livre)

Nas narrativas de intelectuais caribenhos acerca das experiências de crescer no Caribe colonial, a questão da alienação envolvida recebe uma atenção recorrente. Essa condição se baseava em viver uma vida que imaginária e intelectualmente se passava no exterior, na metrópole, ao ponto do encontro dos colonizados com esta ser também uma espécie de “reencontro”. Ao chegar na Inglaterra, Stuart Hall relata:

A experiência toda foi assustadoramente familiar e desconcertantemente estranha ao mesmo tempo. Pode-se atribuir isso ao sentimento de *déjà-vu* que ataca viajantes coloniais ao encontrar pela primeira vez a metrópole imperial face-a-face, a qual eles conhecem na verdade apenas em sua forma traduzida por meio de uma bruma colonial... (HALL, 2017. p. 150. Tradução livre.)

Bill Schwarz sumariza bem o significado dessa bruma ao recordar que há uma diferença entre as “*condições de viver uma existência relativamente privilegiada em uma Inglaterra imaginada nas colônias*” e “*viver como um sujeito colonizado na Inglaterra realmente existente.*” (SCHWARZ, 1994. p. 389. Tradução livre). Esse descompasso se refere a experiência social do deslocamento em seu âmago, que longe de apagar ou substituir a alienação imposta pela cultura colonial, recondiciona a maneira de apreendê-la. Assim, Schwarz completa “*que essas rupturas culturais envolvidas ao se fazer sentido dessas jornadas foram poderosos ímpetus intelectuais – em condições históricas particulares – para a formação dos Estudos Culturais.*” (SCHWARZ, 1994. p. 389. Tradução livre)

29

---

*Pacífico. No verão seguinte, o Georgic trouxe 253 indianos ocidentais à Grã-Bretanha, 45 deles mulheres. Algumas centenas vieram em 1950, cerca de 1,000 em 1951, cerca de 2,000 em 1952 e novamente em 1953. Números ainda maiores chegaram nos quatro anos seguintes, incluindo muitas esposas e crianças dos homens que haviam se estabelecido: 24,000 em 1954; 26,000 em 1956; 22,000 em 1957; 16,000 em 1958. 10 anos após o Empire Windrush havia na Grã-Bretanha cerca de 125.000 indianos ocidentais que chegaram desde o final da guerra.”* (FRYER, 2010. p. 372. Tradução livre)

O tema da alienação colonial, não obstante, está longe de se limitar a um currículo escolar – no caso de Hall, no Jamaica College<sup>8</sup> – e uma formação que não reflete as realidades locais, mas abarca também os efeitos do peso estrutural que raça e etnia exerciam sobre a vida cultural caribenha. Aqui, as posições de classe e o prestígio se amarravam a raça e cor. Sylvia Wynter afirma sobre o caso de Trinidad e Tobago que esses elementos não eram um simples marcador de diferença de status, mas um sistema de valor (WYNTER, 1992. p. 69). Hall afirma algo parecido sobre sua Jamaica natal, destacando o caso de sua família, na qual o próprio Hall teria nascido como “o membro mais escuro” (HALL, 2009a). Entretanto, se bem o próprio autor teve que lidar com tais contradições – a ideia de “desaprender as normas” –, foi um evento que se passou com sua irmã, Patricia Hall, que, de acordo com Hall, despertou-lhe para algo que depois entenderia como um problema na teoria social. Esse evento de sua vida interessa para nós aqui pelo fato de ser narrado por Hall em diferentes ocasiões<sup>9</sup>, o que faz dele um dos usos principais do elemento autobiográfico pelo autor de modo a traçar uma relação particular entre sua experiência colonial e diaspórica e as ideias que desenvolveu posteriormente na Inglaterra.

Stuart Hall sintetiza o episódio em uma entrevista para Kuan-Hsing Cheng: **30**

Quando fiz dezessete anos, minha irmã teve um colapso nervoso. Ela começou um relacionamento com um estudante de medicina que veio de Barbados para a Jamaica. Ele era de classe média, mas era negro e meus pais não permitiram o namoro. Houve uma tremenda briga em família e ela, na verdade, recuou da situação e entrou em crise. De repente me conscientizei da contradição da cultura colonial, de como a gente sobrevive à experiência da dependência colonial, de classe e cor e de como isso pode destruir você, subjetivamente. (HALL, 2009a. p. 390)

Patricia Hall após esse episódio passou por um hospital psiquiátrico, foi sujeita a tratamentos com eletrochoques, dos quais, de acordo com o autor, nunca realmente se recuperou. Stuart Hall vê sua irmã como um “*exemplo perfeito do*

---

<sup>8</sup> Diz Stuart Hall: “*Não havia um currículo nacional. Só nos meus últimos dois anos de escola é que aprendi alguma coisa sobre a história e a geografia do Caribe. Foi uma educação muito ‘clássica’, muito boa, porém, em termos acadêmicos, muito formal, Estudei latim, história inglesa, história colonial inglesa, história europeia, literatura inglesa etc.*” (HALL, 2009a. p. 388)

<sup>9</sup> Stuart Hall conta o episódio de sua irmã na entrevista para Kuan Hsing-Chen, que mencionamos, na entrevista que deu para o *Desert Island Discs*, em 2000, e em sua semi-autobiografia *Familiar Stranger: a life between two islands*, feita em parceria com Bill Schwarz.

*processo pelo qual uma vítima do sistema colonial racializado sobrevive [...] ao trauma de uma cultura colonial”* (HALL, 2017. p. 59. Tradução livre). Ainda de acordo com o autor, o episódio fez com que Hall passasse a rejeitar a distinção convencional das Ciências Sociais entre os aspectos subjetivos e objetivos dos processos sociais. *“Desde então, nunca mais pude entender porque as pessoas achavam que essas questões estruturais não estavam ligadas ao psíquico – com emoções, identificações e sentimentos, pois para mim, essas estruturas são coisas que a gente vive.”* (HALL, 2009a. p. 390)

Como fazer senso disso senão pela autobiografia? O uso da escrita de si por Stuart Hall, no exemplo aqui oferecido, não serve ao fim de fornecer uma visão definitiva acerca dos processos sociais, mas se apresenta como uma ferramenta para apreender as *disfunções* gestadas por tais processos. A questão fundamental é que, para Hall, *“mesmo as mais abstratas teorias são, em alguma medida, informadas por suas condições subjetivas de existência”* (HALL, 2017. p. 63. Tradução livre), e a exploração de sua experiência pessoal/social, argumentamos, permite que se questione aquelas condições subjetivas de existência que informaram modelos teóricos que promulgam a separação entre domínios “objetivos” e “subjetivos”. Em outros usos do elemento autobiográfico pelo autor, ainda que menos traumáticos, faz-se evidente se tratar de um recurso que visa a justamente escapar do caráter de “oclusão” que ele pretensamente ofereceria. Um exemplo é o texto *Estudos Culturais e seu legado teórico*<sup>10</sup>, no qual Hall narra sua versão da formação do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos. No texto, o autor alerta: *“Paradoxalmente, o meu objetivo acarreta uma visão autobiográfica. Pensa-se a autobiografia habitualmente como algo revestido da autoridade da autenticidade. Contudo, terei que falar de um ponto de vista autobiográfico, se quiser fugir de ter a última palavra no assunto.”* (HALL, 2009b. p. 188)

31

### **“OLHE O PRETO!... MAMÃE, UM PRETO!”: Frantz Fanon e a filosofia em primeira pessoa**

---

<sup>10</sup> O texto é resultado de uma fala feita na Universidade de Illinois, em 1990, e foi posteriormente publicado na coletânea *Cultural Studies* (GROSSBERG, NELSON, TREICHLER [Org.], 1992).

O psiquiatra Frantz Fanon (1925-1961), cuja obra tem se tornado em tempos recentes no Brasil objeto de intenso escrutínio<sup>11</sup>, é um dos principais nomes da crítica anticolonial e do pensamento pós-colonial (RENAULT, 2011). Nascido na colônia francesa da Martinica, Fanon teve, assim como Stuart Hall, que lidar com as contradições da cultura colonial. Sua educação no Liceu Victor Schoelcher inculcou ideias e valores que lhe faziam se imaginar como um francês. Da afirmação de uma ancestralidade improvável – “nossos pais os gauleses”<sup>12</sup>, repetiam ele e seus colegas na escola – ao seu envolvimento com as Forças Francesas Livres na luta contra o nazismo durante a Segunda Guerra Mundial, a alienação envolvida nesse processo de identificação não pareceu ser fundamentalmente perturbada, pelo menos não da maneira experimentada quando passou a residir na França após a guerra. Uma vez na metrópole, um evento em particular o aflige e torna-se ponto de partida para parte significativa das reflexões contidas em seu livro *Pele Negra, Máscaras Brancas*, trabalho de conclusão de curso<sup>13</sup> escrito – mas não apresentado – para a obtenção do diploma de medicina na Universidade de Lyon.

Embora nesse livro o “*eu*” que está falando seja frequentemente uma *persona*” (MACEY, 2012. pp.159-160. Tradução livre), como alerta David Macey, frequentemente episódios pessoais são mobilizados por Fanon para

32

---

<sup>11</sup> No país, a atenção recebida pelo autor não é recente (Guimarães, 2008), tal como demonstra o interesse de Florestan Fernandes na divulgação de sua obra (Borda, 2014) e a escrita de um texto de balanço sobre sua vida e obra por Renato Ortiz (2014) no final da década de 70, e publicado posteriormente. Não obstante, na última década tal atenção tem se intensificado. Desse movimento, destacam-se os trabalhos de Deivison Faustino (2015; 2018), Joaze Bernadino-Costa (2016), além de uma série de outros que, se bem não se voltaram especificamente ao estudo da obra do autor, inspiraram-se sobremaneira por seus escritos.

<sup>12</sup> “*Nas Antilhas, o jovem negro que, na escola, não para de repetir ‘nossos pais, os gauleses’, identifica-se como explorador, com o civilizador, com o branco que traz a verdade aos selvagens, uma verdade toda branca.*”(FANON, 2008. p. 132)

<sup>13</sup> “*Embora o manuscrito de Fanon esteja alocado na categoria ‘Teses de Medicina’ do catálogo da Faculté mixte de médecine et de pharmacie, da Université de Lyon, o mesmo não deve ser confundido com a ‘Tese de Doutorado’ existente no Brasil.*” Fanon cursou sua graduação em Medicina, e portanto, não estava “*elaborando uma ‘Tese de doutorado’, como se convencionou afirmar, mas, sim, um trabalho de conclusão de curso ou, se preferirmos, o famoso ‘TCC’*” (FAUSTINO, 2018. p. 51)



iluminar o senso deslocamento que aflige sua experiência enquanto negro martiniquenho na França. Talvez o mais significativo desses episódios seja narrado no quinto capítulo do livro *—A experiência vivida do negro—*, na medida em que ele é revelador dos fundamentos psicossociais do projeto fanoniano. Certa feita, em uma rua de Lyon, Fanon se depara com uma criança branca que caminhava com sua mãe. *“Olhe o preto!... Mamãe, um preto!... Cale a boca, menino, ele vai se aborrecer! Não ligue, monsieur, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto nós”* (FANON, 2008. p. 106). Nesse episódio, o branco, ao lançar sobre ele seu olhar fixador, revela uma verdade sobre si: a impossibilidade lógica imposta pelo colonialismo de Fanon ser plenamente francês, ou mesmo um ser humano pleno. Fanon se percebe então um homem negro preso em uma máscara branca, e apenas dentro da qual tem possibilidade de existir. *“Lancei sobre mim um olhar objetivo, descobri minha negridão, minhas características étnicas”* (FANON, 2008. p. 105).

A partir de então, Fanon se joga ao processo de investigar e discutir, entre outros temas, o da possibilidade de uma ontologia em uma sociedade colonizada, ou melhor, impossibilidade. *“Qualquer ontologia torna-se irrealizável em uma sociedade colonizada e civilizada.”* (FANON, 2008. p.103), uma vez que a relação entre o sujeito negro e o mundo é mediada por um véu, a linha divisória do humano. Os que se encontram acima dessa linha estão na zona do ser, na origem do mundo, e têm para com este uma relação de *“apropriação efetiva”* (FANON, 2008. p. 117), são sujeitos em meio a outros sujeitos. Por outro lado, aqueles que se encontram abaixo dela estão na zona de não-ser, são *“objetos em meio a outros objetos”* (FANON, 2008. p. 103).

É digno de nota que, assim como Stuart Hall, Fanon percebe a indissociabilidade entre estrutura e subjetividade.

A análise que empreendemos é psicológica. No entanto, permanece evidente que a verdadeira desalienação do negro implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais. Só há complexo de inferioridade após um duplo processo:

- inicialmente econômico;
- em seguida pela interiorização, ou melhor, pela epidermização dessa inferioridade. (FANON, 2008. p. 28)

A postura que permite um psicodiagnóstico ser realizada por meio de um sociodiagnóstico<sup>14</sup>, e vice-versa, coloca a escrita de si como uma estratégia privilegiada para a análise social. Não é por acaso a atração de Fanon pelo discurso teórico da fenomenologia. Sobre esse ponto, David Macey, em um outro texto afirma:

Parte do apelo é obviamente a concentração da fenomenologia sobre a experiência e imediaticidade. Como escrito por Merleau-Ponty (“eu pego o cinzeiro”) e Sartre (“eu vejo meu amigo Pierre”), é também filosofia em primeira pessoa (grifo nosso); nenhuma outra filosofia teria permitido a Fanon dizer “eu” com tanta veemência. Quais eram as alternativas? (MACEY, 1999, p. 11. Tradução livre)

Fanon necessitava “dizer ‘eu’ com tanta veemência”, pois foi a experiência vivida, na medida em que desvela uma realidade própria dos processos, que lhe permitiu realizar a devastadora crítica ao colonialismo que caracteriza sua obra. Ademais, como outros intelectuais diaspóricos, é no exterior que Fanon se depara com a realidade de inferiorização, o que reconfigura a maneira como lia suas experiências passadas e lhe dotou do ímpeto para dismantelar os mecanismos intelectuais da opressão.

34

### **C. L. R. JAMES: a escrita de si como uma região que César não conheceu**

Embora menos conhecido no Brasil que os dois autores anteriores<sup>15</sup>, o afrocaribenho Cyril Lionel Robert James (1901-1989), com a diversidade de temas e disciplinas que atravessam seus escritos, consagrou-se como um dos grandes nomes do marxismo e do pan-africanismo no século XX. Entre os temas sobre os quais versam seus escritos, que passam das análises literárias ao comentário político, da crítica estética das artes populares às reconstruções de processos revolucionários do passado, o do esporte, particularmente o críquete,

---

<sup>14</sup> “De certo modo, para responder à exigência de Leconte e Damey, digamos que o que pretendemos aqui é estabelecer um sóciodiagnóstico.” (FANON, 2008, p. 28)

<sup>15</sup> Embora um dos principais nomes do pensamento afrodiaspórico, C. L. R. James teve sua principal obra, *Os Jacobinos Negros*, de 1938, traduzida ao português apenas em 2000, e após um hiato de quase duas décadas. Alguns outros escritos do autor foram traduzidos e publicados em 2015 na coletânea *A revolução e o negro*, ampliada em 2019.

teve um lugar de destaque. E. P. Thompson, inclusive, acredita ser este último central para o autor, e destaca que tudo que James fez:

teve a marca da originalidade, de sua própria inteligência flexível, sensível e profundamente culta. Essa inteligência sempre foi combinada a uma personalidade cálida e extrovertida. Ele sempre carregou, não uma doutrina rígida, mas um deleite e curiosidade em todas as manifestações da vida. Receio que teóricos americanos não entenderão isso, mas a chave para tudo repousa em sua apreciação adequada do críquete. (THOMPSON, 1981)

Thompson sabe que o críquete importa porque James, ele próprio um jogador e comentarista do esporte em seu tempo<sup>16</sup>, via nele algo muito maior do que um jogo. Além de ser uma forma de arte, “*paixões políticas, negadas as saídas normais, expressavam-se tão ferozmente no críquete (e outros jogos) precisamente porque eles eram jogos.*” (JAMES, 1983. p. 72. Tradução livre). James via no críquete “*um dos modos civilizados pelos quais a luta anti-imperialista era jogada*” (HALL, 1992. p.13. Tradução livre).

Não por acaso, para o tema que nos interessa neste ensaio, que o livro mais importante do autor no tema é também aquele no qual a escrita de si se fez mais presente<sup>17</sup>; *Beyond a Boundary*, de 1963. Este livro, que “*não é nem reminscências do críquete nem autobiografia*” (JAMES, 1983. p. xix. Tradução livre), traça, no entanto, a partir da reconstrução das memórias do autor – de sua infância na colônia britânica de Trinidad, no Caribe, passando por sua temporada na Inglaterra e nos EUA, ao seu retorno ao Caribe em 1958, após 25 anos de ausência – uma sofisticada aplicação de métodos da crítica cultural e literária à “mundanidade” das energias populares, e nesse sentido, não só ao jogo como tal

---

<sup>16</sup> Nos tempos em que trabalhou no Queen’s Royal College de Trinidad, James também foi jogador do clube de críquete Maple, das classes médias mestiças. Uma observação importante aqui é que os diversos clubes representavam os estratos sociais claramente definidos da ilha em termos de classe, raça e casta (JAMES, 1983). Nesse momento, James também já escrevia sobre o críquete, mas é na Inglaterra que ganha uma posição de destaque no ofício. O esporte havia lhe unido ao famoso jogador de críquete Learie Constantine, seu amigo e conterrâneo, que além de convidar James a ir para a Inglaterra em 1932, é também quem o apresenta ao correspondente de críquete do Manchester Guardian, Neville Cardus, que contraria James como repórter.

<sup>17</sup> Nos últimos anos de sua vida, James chegou a preparar, junto a Anna Grimshaw, sua autobiografia, texto que nunca chegou a terminar. Atualmente o manuscrito inacabado encontra-se na Columbia University’s Rare Book and Manuscript Library.

como ele é jogado, mas o jogo tal como ele é jogado em relação ao universo social mais amplo no qual ele se insere; o público, que está “além dos limites” (*beyond the boundaries*) dos campos de críquete que fez do jogo o que ele é.

Aqui, voltaremos a um momento particular do livro pelos mesmos motivos que justificaram nossa escolha dos episódios anteriores de Stuart Hall e Frantz Fanon. O episódio em questão se deu durante a infância do autor, e é central pois James não inicia o livro com ele apenas por motivos cronológicos, mas sim porque o momento revela informações importantes sobre as perspectivas mais gerais do autor acerca do mundo que ele viria a desenvolver futuramente: o que Sylvia Wynter chama da “contradoutrina da poiesis jamesiana” (WYNTER, 1992), um deslocamento das categorias para além das concepções do Senhor. Trata-se aqui da história de Matthew Bondman.

Não diferente de Hall e Fanon, James cresce em um ambiente no qual os valores culturais coloniais eram impostos. A principal distinção que é necessário ser feita entre as formações iniciais de James e os autores anteriores concerne o fator geracional. No caso de James, sua formação esteve ainda também mergulhada nos ditames da respeitabilidade de uma Inglaterra vitoriana, algo nem sempre devidamente apreciado<sup>18</sup>. É difícil se apreender o senso de alienação **36** decorrente desse contexto senão pela narrativa de experiências pessoais. James relata no livro que seu avô ia todo domingo às missas, sob o sol escaldante do Caribe, vestindo fraque, cartola e bengala (JAMES, 1983). Nesse mundo, a respeitabilidade era uma armadura (JAMES, 1983 p. 18). Não obstante, os esforços de manutenção da fria vida britânica eram constantemente perturbados pela cálida realidade da vida social das Índias Ocidentais e as contradições políticas e econômicas do mundo colonial. Para o jovem James, a metonímia desse encontro está corporificada na figura do “vagabundo” (*ne'er-do-well*) – nos

---

<sup>18</sup> Bill Schwarz ressaltou esse traço peculiar das sociedades do Caribe britânico, que lhes proporcionava processos de socialização distintos em relação a outras possessões britânicas não-brancas, “*a questão da penetração profunda incomum de instituições da vida cívica vitoriana na organização cultural do Caribe colonial.*” (SCHWARZ, 2003. p. 12. Tradução livre) Embora nascido bem ao final do período vitoriano, James teve sua infância moldada por esse universo. Os rumos políticos futuros de James, porém, levam George Lamming a melhor qualificá-lo como um “vitoriano com a semente rebelde.” (LAMMING, 1992. p. 151. Tradução livre)

termos da avó de James – Matthew Bondman, que James observava no campo de críquete de sua janela durante a infância. O autor relata:

Mas não é por isso que eu me lembro de Matthew. Apesar do caráter vagabundo, de fato depravado, que ele tinha, Matthew tinha uma graça redentora – Matthew conseguia bater. Mais do que isso, Matthew, tão cru e vulgar em todos aspectos de sua vida, com um taco em sua mão era todo graça e estilo. [...] Ele foi meu primeiro encontro com aquele *genus Britannicus*, um ótimo batedor, e o impacto que ele teve em todos ao seu redor, jogadores ou não de críquete. O contraste entre a existência de dar pena de Matthew enquanto indivíduo e a atitude que as pessoas tinham para com ele preencheram minha mente em formação e me ocupam até hoje” (JAMES, 1983. p. 14. Tradução livre)

A ideia de que os povos do Caribe, a despeito do atraso sócio-econômico, têm uma contribuição única a dar para o mundo é uma das mais caras a C. L. R. James. Tratam-se aqui de povos que se vinculam de maneira íntima à modernidade<sup>19</sup>, na medida em que, nos termos de Brett St Louis, James vê a modernidade como algo que se trata “*essencialmente de pessoas, e não coisas*”. (ST LOUIS, 2003. p. 36. Tradução livre). O que se tem aqui é uma potência única que decorre do deslocamento que encerra a experiência de ser um “desterrado em sua própria terra”<sup>20</sup>. O caso de Bondman parece revelar que não só James está sujeito a isso, mas que há uma experiência das massas – a transcender os indivíduos – que é análoga. O principal exemplo talvez seja aquele de sua obra mais conhecida, *Os Jacobinos Negros* (2010), de 1938, no qual a tese principal

37

---

<sup>19</sup> “Essas populações são essencialmente ocidentalizadas e foram ocidentalizadas por séculos. A porcentagem de alfabetização é extremamente alta. Em pequenas ilhas como Barbados, Trinidad e Jamaica, e mesmo na sua própria Guiana Britânica, a população está tão concentrada que com o desenvolvimento do transporte à motor, ninguém está muito distante do centro das coisas. Há uma imensa concentração de conhecimento, aprendizado e informação. O povo vive vidas modernas. Eles leem jornais modernos baratos, eles ouvem o rádio, eles vão ao cinema. O mundo moderno está pressionando sobre eles de todos os lados, dando origem a desejos e aspirações modernos.” (JAMES, 1958. Online. Tradução livre) Um dos principais biógrafos de James, Paul Buhle, sobre esse ponto, compara *Os Jacobinos Negros* ao livro de Trotsky *A História da Revolução Russa*, afirmando que “*toda a premissa do trabalho de Trotsky se assentava sobre o atraso da Rússia, enquanto toda premissa do trabalho de James assentava-se sobre a obversa modernidade de São Domingos.*” (BUHLE, 1988. p. 60. Tradução livre)

<sup>20</sup> “Um intelectual britânico muito antes de eu fazer 10 anos, já um estrangeiro em meu próprio ambiente, entre meu próprio povo, mesmo minha própria família.” (JAMES, 1983. p. 28. Tradução livre)

repousa no fato de os escravos revoltosos em São Domingo serem os únicos em seu tempo que poderiam de fato realizar as promessas universalistas de liberdade da Revolução Francesa. Eles eram, pela potência e em ato, assim como o próprio autor, uma população de Matthew Bondmen.

O relato acerca de Matthew Bondman em *Beyond a Boundary*, pois, é revelador da dialética entre indivíduo e sociedade que James desenvolve em seus trabalhos<sup>21</sup>. Se nosso argumento estiver correto, é também sintomático da posição que considera, tal qual em Stuart Hall e Frantz Fanon, a subjetividade como central para compreensão dos processos sociais, e por isso um livro sobre críquete em sua dimensão estética e política ser escrito, não só em primeira pessoa, mas com base em experiências pessoais é não só possível como necessário<sup>22</sup>. “*O enquadramento da autobiografia*”, escreve James no famoso prefácio, “*mostra as ideias mais ou menos na sequência como se desenvolveram em relação aos eventos, fatos e personalidades que as incitaram.*” (JAMES, 1983. p xix. Tradução livre) Porém, é a frase seguinte que justifica o recurso da escrita de si – nosso destaque neste ensaio – como consequência da disfunção cultura colonial e o senso de deslocamento percebido na vida metropolitana, que em sentido preciso não só possibilitou suas reflexões, mas permitiu que James as realizasse melhor que ninguém:

38

---

<sup>21</sup> A discussão sobre o indivíduo em James é longa e deve contemplar as flutuações que acompanham sua trajetória. Entretanto, um exemplo pode ser contemplado em Os Jacobinos Negros. Na análise de James aqui existem, certamente, as vastas forças impessoais, mas para o autor as revoluções são feitas por pessoas concretas, e aí a personalidade tem um papel essencial. A abordagem de James no tema articula gêneros de escrita para a narração de fatos históricos. No livro, ora James afirma que “*Toussaint fez a história que fez porque era o homem que era*” (JAMES, 2010. p. 96), e em outro momentos que “*não foi Toussaint que fez a revolução, foi a revolução que fez Toussaint, e mesmo isso não é toda a verdade*” (JAMES, 2010. p. 16) Esse aparente paradoxo se origina da formação mista do autor enquanto marxista e novelista, dimensões inter cruzadas em sua obra. “*De modo simples, enquanto James consistentemente enquadra a ação de massas como fundamental para a mudança histórica, sua fascinação pela força da personalidade e a liderança individual provê uma contradição recorrente.*” (ST LOUIS, 2003. p. 29. Tradução livre)

<sup>22</sup> “*O leitor aqui está convidado a se decidir. Se para ele tudo isso 'não é críquete', então ele deveria tomar um aviso amigável e ir em paz (ou em ira). Essas não são reminiscências aleatórias. Esse é o jogo tal como o conheci e esse é o jogo sobre o qual eu escreverei. Como poderia ser de outro modo?*” (JAMES, 1983. p. 57. Tradução livre)

Se as ideias se originaram nas Índias Ocidentais, foi apenas na Inglaterra e na vida e história inglesas que eu fui capaz de segui-las e testá-las. Para estabelecer sua própria identidade, Caliban, depois de três séculos, tem que ele próprio desbravar regiões que César nunca conheceu.” (JAMES, 1983. p. xix. Tradução livre)

Novamente, se o livro tivesse sido escrito sem o elemento da escrita de si ele seria completamente diferente.

## **CONCLUSÃO: uma nota sobre a escrita de si**

Após o que foi dito acima, é inevitável que se levantem questionamentos acerca da viabilidade teórica da escolha da escrita de si por esses autores. Essa suspeita em grande parte decorre das críticas que o uso da biografia recebeu nas Ciências Sociais. Pierre Bourdieu, em seu famoso texto “A ilusão biográfica”, irá apontar que

produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como narrativa coerente de uma sequência significativa e coordenada de eventos, talvez seja ceder a uma ilusão retórica, a uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. (BOURDIEU, 1996. p. 76)

Para esse autor, não há circulação de indivíduos por um tempo meramente cronológico, mas sim, trajetórias que se desenham por espaços sociais, e portanto a pressuposição de que a vida seja uma série única somente pelo fato de um sujeito portar o mesmo nome “*é quase tão absurdo quando tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diversas estações.*” (BOURDIEU, 1996. p. 81) A preferência, portanto, passa a ser por uma vocação mais objetivista da Sociologia, e a escrita de si pode ser útil apenas na condição de uma espécie de “objetivação de si mesmo”, tal como aparece na narrativa pessoal do próprio Bourdieu (2005) *Esboço de auto-análise*.

Nosso objetivo com a apresentação da abordagem desses três intelectuais afrocaribenhos, mas que bem poderia ser identificada em uma série de outros intelectuais subalternos, serve para demonstrar a existência de usos alternativos da escrita de si na teoria social, usos que são informados não pelo pressuposto da coerência subjetiva, mas para a apreensão de experiências sociais que seriam difíceis, nas condições em que foram escritas, de serem expressas de outro modo. Se o projeto bourdieiano em *Esboço de auto-análise* pode ser descrito como “um

distanciamento da própria experiência” (ALMEIDA, 2006), o desses pensadores caribenhos é justamente seu oposto especular. Uma vez que a relação entre os domínios subjetivos e objetivos é frequentemente perturbada nesses autores, a necessidade da objetivação de si passa a ser vista, por eles próprios, com suspeita. É uma perspectiva que se aproxima da ideia de “auto/biografia” de Liz Stanley, na medida em que o uso do “eu” serve para explicitar o caráter contextual, situacional e específico dos conhecimentos produzidos (STANLEY, 1993). Nesse sentido, o projeto difere dos dois tipos de projetos identificados por Norman Friedman: o de uma autobiografia sociológica – quando um sociólogo famoso escreve sua autobiografia – e o de uma sociologia autobiográfica – um método individualista para análise de um fenômeno social (FRIEDMAN, 1990).

Nosso texto buscou demonstrar como elementos biográficos presentes nos textos teóricos dos autores analisados, na maneira como foram mobilizados, produzem uma outra maneira de se construir um pensamento sociológico e como tal construção demonstra, segundo Les Beck (2018), a importância que a narrativa e seus elementos podem ter ao fornecerem possibilidades metodológicas que tensionam um imaginário sociológico canônico constituído por hierarquização de experiências, subjetividades e saberes nas “zonas do ser” e “do não ser” (FANON, 2008).

40

Certamente, em nenhum momento se afirma que o uso da autobiografia, tampouco a condição do exílio, seja limitada a esses intelectuais, mas sim que eles fizeram intenso uso da estratégia, e que seu exílio – aqui refletido nos termos da disfunção e do deslocamento – tem particularidades: “*Ser um exilado é estar vivo.*” Porém, “*quando o exilado é um homem de orientação colonial, e sua residência de escolha é o país que colonizou sua própria história, então há algumas complicações.*” (LAMMING, 1992. p. 24. Tradução livre). Isso nos leva a necessidade de um comentário adicional acerca dessas narrativas, que concerne sua factualidade. Ao comentar a obra *Doze anos de Escravidão*, de Solomon Northup, Henry Louis Gates Jr afirma algo que também serve aos intelectuais aqui abordados: “*a significância ou a significação negra, por sua própria natureza, é um ato de repetição e revisão, de evocação e improvisação, de forma que para mim a questão muito mais relevante a ser exigida de Doze anos de Escravidão não é se é estritamente factual, mas se é verdadeira.*” (GATES JR, 2014. p. 27) . Assim, não faria muita diferença se o encontro de Fanon com a criança branca que caminhava com sua mãe tivesse ocorrido em Paris ou em Lyon. O que importa é que ele aconteceu.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, B G M. Os limites da auto-análise. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, 26, p. 125-129, jun. 2006.
- BACK, L e SINHA, S. *Migrant City*. Abingdon: Routledge, 2018.
- BASS, M K. *To Be West Indian: Autobiography and West Indian Literature*. Tese – Louisiana State University and Agricultural and Mechanical Col., 1989.
- BERNADINO-COSTA, J. A prece de Frantz Fanon: oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!. *Civitas - Revista De Ciências Sociais*, 16(3), pp. 504-521, 2016.
- BORDA, E. W. B. Ecos de Fanon em Florestan Fernandes. *Florestan*. Ano 01. p. 23-32. Maio de 2014.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: *Razões práticas*. Campinas: Papius, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BUHLE, P. *The artist as revolutionary*. New York: Verso, 1988.
- DWORKIN, D. *Cultural marxism in postwar Britain: history, the new left, and the origins of cultural studies*. Durham, NC: Duke University Press, 1997.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008.
- FAUSTINO, D. *Frantz Fanon: um revolucionário particularmente negro*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.
- FAUSTINO, D. *Por que Fanon, por que agora?": Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil*. 2015. 261 p. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, São Carlos, 2015.
- FRIEDMAN, N L. Autobiographical Sociology. *The American Sociologist*, vol 21, no 1, pp. 60-66, primavera 1990.
- FRYER, P. *Staying power: the history of Black People in Britain*. London and New York: Pluto Press, 2010.
- GATES JR, H L. Pós-fácio: a mais completa escuridão. In: *Doze anos de escravidão*. São Paulo: Penguin Classics e Companhia das Letras, 2014.
- GROSSBERG, L; NELSON, C; TREICHLER, P. *Cultural Studies*. London: Routledge, 1992.

GUIMARÃES, A.S.A. A recepção de Fanon no Brasil e a identidade negra. *Novos Estudos* (CEBRAP). v.81, pp. 99-114, julho 2008.

HALL, S. C. L. R. James: a portrait. In: *C. L. R. James's Caribbean*. Durhan: Duke University Press, 1992.

\_\_\_\_\_. *Les "post colonial studies" en débat*. (entrevista) Disponível em :<https://www.centrepompidou.fr/cpv/resource/cynz4K4/rrbeyLq>. 2005.

\_\_\_\_\_. A formação de um intelectual diaspórico: uma entrevista com Stuart Hall, de Kuan Hsing Chen. In: *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009a.

\_\_\_\_\_. Estudos culturais e seu legado teórico. In: *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009b.

\_\_\_\_\_. *Familiar Stranger: a life between two islands*. Durham and London: Duke University Press, 2017.

JAMES, C. L. R. *Lecture on federation, (West Indies and British Guiana)*, 1958. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/jamesclr/works/1958/06/federation.htm>

\_\_\_\_\_. *Beyond a boundary*. New York: Pantheon, 1983.

\_\_\_\_\_. *Os jacobinos negros*. Campinas: Boitempo, 2010.

LAMMING, G. *The Pleasures of Exile*. Ann Arbor: Michigan University Press, 1992.

MACEY, D. *Frantz Fanon: a biography*. Londres e Nova Iorque: Verso Books, 2012.

\_\_\_\_\_. Fanon, phenomenology. *Radical Philosophy*, 095, mai/jun 1999.

PABLITO, Marcello; Alfonso, Daniel Angyalossy (Org.). *A revolução e o negro*. São Paulo: Edições Iskra, 2019.

PAQUET, S P. *Caribbean Autobiography: Cultural Identity and Self-Representation*. Madison: University of Wisconsin Press, 2002.

RENAULT, M. *Frantz Fanon: De l'anticolonialisme à la critique postcoloniale*. Paris : Éditions Amsterdam, 2011.

SCHWARZ, B. Where is cultural studies?. *Cultural Studies*, 8:3, pp. 377-393. 1994.

\_\_\_\_\_. Introduction: Crossing the seas. In: *West Indian Intellectuals in Britain*. Manchester: Manchester University Press, 2003.

ST LOUIS, B. *Rethinking race, politics, and poetics: C.L.R. James's critique of modernity*. New York and London: Routledge, 2007.

STANLEY, L. On auto/biography in sociology. *Sociology*, 21, 1, pp. 41-52, 1993.

THOMPSON, E. P. C. L. R. James at 80. *Urgent Tasks*, n. 12, summer 1981. Disponível online em: <http://www.sojournertruth.net/clr80.html>.

WYNTER, S. Beyond the categories of the master conception: the counterdoctrine of Jamesian poiesis. In: *C. L. R. James's Caribbean*. Durhan: Duke University Press, 1992.

Artigo recebido em: 31 de agosto de 2020.

Artigo Aprovado em: 23 de outubro de 2020.

